Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

ESTRATÉGIAS DE PODER NO GOLFO PÉRSICO: O PETRÓLEO E O CONTROLE DO ESTREITO DE ORMUZ COMO FERRAMENTAS DE GUERRA INDIRETA

POWER STRATEGIES IN THE PERSIAN GULF: OIL AND CONTROL OF THE STRAIT OF HORMUZ AS TOOLS OF INDIRECT WARFARE

Ana Beatriz Oliveira dos Santos, Larissa Caetano da Silva, Gabriela Augusta Santos de Arruda, Luiz André Evangelista

Universidade Santa Cecilia, Santos-SP, Brasil – Curso de Relações Internacionais
E-mail para contato: gabrielaarruda017@gmail.com

RESUMO – *O petróleo possui grande importância nas relações internacionais por estar diretamente relacionado à economia, à segurança energética e às disputas de poder entre os Estados. Nesse contexto, o Golfo Pérsico apresenta grande relevância estratégica, principalmente por concentrar importantes produtores de petróleo e uma das principais rotas marítimas utilizadas para o transporte desse recurso. Entre essas rotas, destaca-se o Estreito de Ormuz, cuja localização entre o Irã e a Península Arábica faz com que a região tenha importância não apenas para os países envolvidos diretamente na disputa, mas também para o mercado internacional de energia. Este artigo tem como objetivo analisar como o petróleo e o controle do Estreito de Ormuz podem ser utilizados como instrumentos de poder e pressão geopolítica, considerando principalmente a atuação do Irã, dos Estados Unidos e de outros atores envolvidos na região. A pesquisa busca compreender de que maneira a posição geográfica do Irã e sua capacidade de interferir na circulação marítima podem ser utilizadas como estratégias de influência, além de analisar a presença norte-americana e suas ações relacionadas à segurança da navegação. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, baseada em revisão bibliográfica e análise documental. Foram utilizadas obras relacionadas à geopolítica, segurança energética, poder marítimo e disputas por recursos, além de documentos institucionais, relatórios e fontes jornalísticas sobre os acontecimentos recentes no Golfo Pérsico. A análise considerou episódios de captura de embarcações, bloqueios, alterações no tráfego marítimo, aumento dos custos de seguros e mudanças no preço internacional do petróleo. Os resultados mostram que a importância do Estreito de Ormuz está relacionada não apenas ao transporte de petróleo, mas também à possibilidade de utilizar a rota como instrumento de pressão política e econômica. A ameaça ou a interrupção da circulação marítima pode aumentar os custos de transporte, afetar o mercado internacional de petróleo e gerar preocupações para países que dependem do fornecimento de energia proveniente da região. Nesse cenário, o Irã utiliza sua posição geográfica e seus recursos militares para demonstrar capacidade de interferência sobre a rota, enquanto os Estados Unidos mantêm presença militar e adotam medidas voltadas à proteção da navegação e à defesa*

ISSN 2317-1316

de seus interesses. Outros países também possuem interesses relacionados à estabilidade do estreito, principalmente grandes produtores e consumidores de petróleo. Os acontecimentos analisados demonstram ainda que a disputa não ocorre somente por meio de confrontos militares, mas também envolve sanções, bloqueios, captura de navios, ameaças à navegação e impactos sobre os seguros e os preços do petróleo. Dessa forma, o caso do Estreito de Ormuz demonstra como recursos energéticos e posições geográficas estratégicas podem ser utilizados nas disputas de poder. Conclui-se que o petróleo e o controle de rotas marítimas podem funcionar como instrumentos de influência, pressão e coerção, fazendo do Estreito de Ormuz um importante espaço de disputa geopolítica e de conflitos indiretos no sistema internacional.

Palavras-chave: Petróleo; Estreito de Ormuz; Segurança energética; Geopolítica; Poder marítimo.

ABSTRACT – *Oil plays an important role in international relations because it is directly connected to the economy, energy security, and power disputes between states. In this context, the Persian Gulf has great strategic importance, mainly because it is home to major oil producers and one of the main maritime routes used to transport this resource. Among these routes, the Strait of Hormuz stands out. Its location between Iran and the Arabian Peninsula makes the region important not only for the countries directly involved in the dispute, but also for the international energy market. This article aims to analyze how oil and control of the Strait of Hormuz can be used as instruments of power and geopolitical pressure, mainly considering the actions of Iran, the United States, and other actors involved in the region. The research seeks to understand how Iran's geographical position and its ability to interfere with maritime transportation can be used as strategies of influence, as well as to analyze the United States' presence and actions related to maritime security. To this end, qualitative, exploratory, and descriptive research was conducted based on a bibliographic review and documentary analysis. The study used works related to geopolitics, energy security, maritime power, and resource disputes, as well as institutional documents, reports, and journalistic sources about recent events in the Persian Gulf. The analysis considered episodes involving vessel seizures, blockades, changes in maritime traffic, increased insurance costs, and changes in international oil prices. The results show that the importance of the Strait of Hormuz is related not only to oil transportation, but also to the possibility of using the route as an instrument of political and economic pressure. The threat or interruption of maritime transportation can increase transportation costs, affect the international oil market, and create concerns for countries that depend on energy supplies from the region. In this context, Iran uses its geographical position and military resources to demonstrate its ability to interfere with the route, while the United States maintains a military presence and adopts measures aimed at protecting navigation and defending its interests. Other countries also have interests related to the stability of the Strait, especially major*

ISSN 2317-1316

oil producers and consumers. The events analyzed also demonstrate that the dispute does not occur only through military confrontations, but also involves sanctions, blockades, vessel seizures, threats to navigation, and impacts on insurance costs and oil prices. Therefore, the case of the Strait of Hormuz demonstrates how energy resources and strategic geographical positions can be used in power disputes. It can be concluded that oil and control of maritime routes can function as instruments of influence, pressure, and coercion, making the Strait of Hormuz an important space for geopolitical disputes and indirect conflicts in the international system.

Keywords: Oil; Strait of Hormuz; Energy Security; Geopolitics; Maritime Power.

1. INTRODUÇÃO

O petróleo representa um dos recursos energéticos mais estratégicos do sistema internacional contemporâneo, sendo fundamental para o funcionamento da economia mundial e para a manutenção das atividades industriais, comerciais e militares dos Estados. Além de seu valor econômico, o petróleo tornou-se um instrumento de poder nas relações internacionais, uma vez que o controle de sua produção, circulação e comercialização influencia disputas políticas, alianças estratégicas e decisões de segurança nacional. Conforme analisado por Daniel Yergin, a história da energia está diretamente relacionada à disputa por influência e poder entre Estados, demonstrando que os recursos energéticos possuem uma dimensão geopolítica que ultrapassa seu caráter econômico.

Nesse cenário, o Golfo Pérsico destaca-se como uma das regiões mais importantes para a segurança energética mundial devido à concentração de grandes reservas de petróleo e gás natural. Dentro dessa área, o Estreito de Ormuz possui uma importância estratégica fundamental, pois representa uma das principais rotas marítimas utilizadas para o transporte de energia aos mercados internacionais. Sua localização entre o Irã e a Península Arábica transforma o estreito em um ponto de grande relevância geopolítica, no qual qualquer ameaça à navegação pode gerar impactos nos preços do petróleo, nos custos de transporte e na estabilidade econômica global.

A importância das rotas marítimas estratégicas pode ser compreendida a partir das ideias de Mahan sobre o poder marítimo. Para o autor, o controle dos mares e das principais vias de circulação comercial constitui um elemento essencial para a projeção de poder dos Estados. Dessa forma, o Estreito de Ormuz pode ser entendido como um espaço estratégico no qual a

ISSN 2317-1316

capacidade de influenciar a circulação marítima representa uma ferramenta de poder político, econômico e militar.

Nesse contexto, o Irã utiliza sua posição geográfica privilegiada como forma de ampliar sua capacidade de influência regional. Por meio de estratégias de guerra assimétrica, incluindo o uso de drones, mísseis antinavio, minas marítimas e embarcações rápidas, o país busca demonstrar capacidade de dificultar ou ameaçar o fluxo marítimo sem depender de uma força naval convencional equivalente à de grandes potências. Essa estratégia funciona como mecanismo de dissuasão diante de pressões externas e como instrumento de negociação em momentos de tensão internacional.

Em contrapartida, os Estados Unidos utilizam sua presença militar no Golfo Pérsico como forma de garantir a liberdade de navegação, proteger aliados e preservar o fluxo internacional de energia. A atuação norte-americana envolve a presença naval permanente, alianças estratégicas e instrumentos econômicos, como sanções contra o Irã. Essa dinâmica demonstra como o Estreito de Ormuz se tornou um espaço de disputa entre diferentes formas de projeção de poder: de um lado, a capacidade iraniana de ameaçar uma rota estratégica; de outro, a capacidade norte-americana de proteger e controlar a segurança marítima regional.

Além de Irã e Estados Unidos, outros países possuem interesses diretamente relacionados ao Estreito de Ormuz. Exportadores de petróleo do Golfo Pérsico, como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, dependem da estabilidade da rota para manter suas exportações, enquanto grandes consumidores de energia, como China, Japão e Coreia do Sul, dependem do fornecimento proveniente da região. Assim, qualquer crise envolvendo o estreito possui consequências que ultrapassam o Oriente Médio, afetando mercados internacionais, inflação e segurança energética global.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar como o petróleo e o controle estratégico do Estreito de Ormuz são utilizados como instrumentos de poder e coerção geopolítica nas relações internacionais contemporâneas, considerando as estratégias adotadas por Irã, Estados Unidos e outros atores envolvidos na disputa pela segurança energética e pela influência no Golfo Pérsico.

ISSN 2317-1316

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise documental. O estudo tem como objeto de análise o Estreito de Ormuz, considerando sua importância estratégica para o transporte internacional de petróleo e sua utilização como instrumento de poder e pressão geopolítica.

Para a realização da pesquisa, foram consultadas obras bibliográficas relacionadas à geopolítica, à segurança energética, ao poder marítimo e à relação entre recursos naturais e disputas internacionais. Também foram utilizados documentos institucionais, relatórios e fontes jornalísticas especializadas, principalmente para a análise dos acontecimentos recentes relacionados às tensões no Golfo Pérsico.

A seleção das fontes considerou sua relação com o tema e com os objetivos do trabalho, priorizando materiais que apresentassem informações sobre o Estreito de Ormuz, o transporte de petróleo, as estratégias adotadas pelo Irã e pelos Estados Unidos e os acontecimentos relacionados à instabilidade da região. Para a análise dos acontecimentos recentes, foram consideradas notícias e relatórios publicados entre 2025 e 2026, especialmente aqueles relacionados à captura de petroleiros, aos bloqueios marítimos, às alterações no tráfego naval e aos impactos econômicos decorrentes da instabilidade na região.

Na análise, foram considerados aspectos políticos, militares e econômicos. Entre os aspectos econômicos, foram observadas as variações no preço internacional do petróleo, o aumento dos custos de transporte e dos seguros marítimos, a redução do tráfego de embarcações e as possíveis consequências para o fluxo internacional de petróleo e para o comércio. Esses elementos foram relacionados aos acontecimentos envolvendo o Estreito de Ormuz, buscando compreender de que maneira a instabilidade da rota pode ser utilizada como instrumento de pressão e influência nas relações internacionais.

Após o levantamento das informações, as fontes foram analisadas de forma qualitativa e os dados considerados relevantes foram organizados de acordo com os principais acontecimentos e aspectos identificados ao longo da pesquisa. A partir dessa análise, foram relacionados os acontecimentos políticos, econômicos e militares às estratégias de poder

ISSN 2317-1316

utilizadas pelos diferentes atores envolvidos. Dessa forma, os procedimentos adotados permitiram analisar como o petróleo e o controle de uma rota marítima estratégica podem ser utilizados como instrumentos de influência, coerção e disputa geopolítica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes mesmo do conflito armado começar, o Irã já usava a captura de navios como forma de mostrar poder sobre o Estreito de Ormuz. Em novembro de 2025, a Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) abordou por helicóptero e capturou o petroleiro Talara, de bandeira das Ilhas Marshall, episódio em que os Estados Unidos classificaram como uma violação do direito internacional, já que a embarcação estava em águas internacionais. Um mês depois, o Irã apreendeu outro petroleiro estrangeiro sob a acusação de contrabando de combustível. Capturar navios, portanto, já era uma prática comum do Irã bem antes da guerra.

O conflito começou em 28 de fevereiro de 2026, quando Estados Unidos e Israel atacaram o Irã. Como resposta o governo iraniano fechou o Estreito de Ormuz via marítima por onde passa cerca de 20% de todo o petróleo do mundo. Nos meses seguintes, os ataques a navios se intensificaram. Em abril, forças americanas capturaram o navio iraniano Touska, e o governo do Irã acusou os Estados Unidos de agirem como piratas. Ainda assim, o Irã conseguiu manter parte relevante das exportações de petróleo pelo próprio estreito, vendendo o barril a preços acima de 90 dólares, prova de que mesmo em guerra, o petróleo continuou sendo uma importante fonte de receita para o país.

Em maio o Irã capturou também o petroleiro Ocean Koi, alegando que a embarcação prejudicava suas exportações. Esse episódio expôs uma dimensão pouco discutida da crise: a China era a maior compradora do petróleo iraniano, importando entre 80% e 90% de tudo que o país exportava, usando uma rede de navios com identificação escondida e pagamentos em moeda chinesa para escapar das sanções internacionais. Esse mecanismo é um bom exemplo do que Michael Klare chama de guerra por recursos: mesmo isolado, o Irã conseguiu manter parte da sua economia com a venda de petróleo, usando esse recurso para sobreviver e negociar em posição de força.

ISSN 2317-1316

Além de atacar navios, o Irã tentou controlar o estreito de forma oficial por meio de um órgão criado por ele mesmo, a Autoridade do Estreito do Golfo Pérsico (PGSA). O país divulgou um mapa afirmando ter controle militar sobre uma área de mais de 22 mil km² e passou a exigir autorização da PGSA para qualquer navio passar pelo local. Os Emirados Árabes Unidos rejeitaram essa ideia, chamando-a de "fragmentos de sonhos". Vale lembrar que o Irã nunca assinou a Convenção da ONU sobre o Direito do Mar, o que enfraquece juridicamente essa tentativa de impor regras próprias sobre a região. Houve ainda uma disputa em torno das imagens divulgadas do conflito: uma equipe de verificação de fatos identificou que um suposto ataque de retaliação divulgado pelo Irã era, na verdade, um ataque ao petroleiro Barakah.

Diante do fracasso das negociações de paz, os Estados Unidos anunciaram em abril de 2026 um bloqueio a todos os navios ligados a portos iranianos. Em publicações no TruthSocial, Trump disse que a Marinha americana iria "bloquear todo e qualquer navio" ligado ao Irã. Isso mostra uma contradição interessante: o mesmo país que defende a liberdade de navegação também bloqueou parte da rota para pressionar o Irã. O especialista marítimo Lars Jensen chegou a dizer que a medida teria pouco efeito prático, já que poucos navios ainda ousavam cruzar o estreito.

Para driblar o bloqueio, cerca de 15 petroleiros por dia passaram a usar uma rota alternativa e arriscada perto da costa de Omã, com apoio aéreo dos Estados Unidos. Ainda assim, em junho de 2026 a própria PGSA voltou a anunciar o fechamento do estreito por tempo indeterminado, mostrando que a situação continuava instável mesmo depois de tentativas de acordo.

Outro efeito importante da crise, pouco lembrado fora do mercado financeiro, foi o aumento no preço dos seguros marítimos. Depois dos primeiros ataques, seguradoras começaram a cancelar contratos e a cobrar até 50% a mais para cobrir navios que passavam pela região. Como um navio sem seguro não consegue viajar, cerca de 750 embarcações ficaram paradas no Golfo Pérsico. O governo dos Estados Unidos chegou a prometer seguro estatal e escolta naval para os navios, mas especialistas duvidaram que essa medida funcionasse rápido o suficiente. Esse caso mostra que nem é preciso atacar um navio diretamente para afetar o fluxo de petróleo: basta que o risco de viajar pela região fique caro demais.

ISSN 2317-1316

Mesmo em julho de 2026 a situação segue instável. No dia 13 de julho o tráfego de navios pelo estreito caiu para o menor nível em dois meses, com apenas seis embarcações cruzando a região em 24 horas em meio a novos confrontos entre Estados Unidos e Irã. Uma fonte do setor de transporte marítimo chegou a comparar o episódio a um "conflito gerenciado", parecido com o que os rebeldes houthis fizeram no Mar Vermelho por quase dois anos. Muitos navios também passaram a fazer transferência de petróleo de um navio para outro nas proximidades de Omã, evitando atravessar o estreito diretamente.

Essa instabilidade contínua também aparece no preço internacional do petróleo. O barril do tipo Brent, que havia caído para perto de 70 dólares no início de julho, voltou a subir para a casa dos 80 dólares poucos dias depois, assim que novos ataques a embarcações voltaram a acontecer. Antes da guerra, o Brent era negociado entre 70 e 72 dólares, isso mostra que o mercado de petróleo continua reagindo a cada novo incidente no estreito, mesmo meses depois do início do conflito.

Os fatos apresentados confirmam a ideia do artigo. A ideia de que o poder marítimo depende do controle de rotas estratégicas explica por que o Irã, mesmo sem uma marinha tão forte quanto a dos Estados Unidos, conseguiu travar boa parte do comércio mundial de petróleo só ameaçando o estreito e tentando transformar esse controle em uma autoridade permanente, a PGSA. A relação histórica entre energia e poder entre as nações também aparece na forma como o petróleo iraniano continuou sendo vendido e como o preço do Brent reage a cada novo incidente, e a lógica da guerra por recursos ajuda a entender por que o Irã manteve suas exportações mesmo isolado, usando o petróleo como forma de sobreviver e negociar.

Mais do que isso, os fatos mostram um conflito indireto: em vez de uma guerra aberta e declarada, houve ataques pontuais a navios, sanções, bloqueios, disputas por território e pressão sobre o mercado de seguros, e essa disputa continua, meses depois sem um fim claro. Essa é a definição de guerra híbrida: um conflito que causa prejuízo econômico e insegurança sem que os países envolvidos declarem guerra um ao outro de forma oficial. O caso do Estreito de Ormuz confirma que o controle de uma rota marítima estratégica permite usar o petróleo como ferramenta de pressão política, sem a necessidade de uma guerra convencional.

ISSN 2317-1316

4. CONCLUSÃO

A análise apresentada permite compreender que a busca pelo poder permanece como um dos principais elementos das relações internacionais, fazendo com que Estados utilizem recursos, territórios e espaços estratégicos para ampliar sua influência e defender seus interesses. Nesse contexto, o espaço geográfico deixa de ser apenas uma área física e passa a adquirir um valor político e estratégico, especialmente quando está relacionado a recursos essenciais para o funcionamento da economia e da segurança dos Estados. O caso do Estreito de Ormuz demonstra claramente essa dinâmica. Sua localização estratégica e sua importância para o transporte internacional de petróleo transformaram a região em um espaço de disputa entre diferentes atores. O Irã utiliza sua posição geográfica e sua capacidade de interferir na circulação marítima como instrumento de pressão, enquanto os Estados Unidos buscam manter sua presença e influência na região, demonstrando que o controle ou a capacidade de ameaçar uma rota estratégica pode representar uma importante forma de projeção de poder. Nesse sentido, o petróleo assume um papel fundamental, pois sua importância econômica permite que seja utilizado também como instrumento político e estratégico. A disputa pelo acesso, pela circulação e pelo controle desse recurso demonstra que os Estados estão dispostos a utilizar diferentes meios para alcançar seus objetivos e preservar sua posição no sistema internacional. Dessa forma, o petróleo pode ser compreendido não apenas como uma fonte de energia, mas como uma verdadeira ferramenta de poder. Sua concentração em determinadas regiões do mundo e a dependência de diversos países em relação ao seu fornecimento criam condições para que Estados utilizem esse recurso como mecanismo de pressão, negociação e coerção. Assim, a disputa pelo petróleo contribui para transformar espaços estratégicos, como o Estreito de Ormuz, em cenários de competição constante pela influência e pelo poder. Portanto, o caso analisado demonstra que, quando interesses estratégicos estão envolvidos, a busca pelo poder pode levar os Estados a explorar os recursos e as características geográficas de determinados espaços sem medir esforços para alcançar seus objetivos. O petróleo, nesse cenário, torna-se uma das principais ferramentas dessa disputa, permitindo que conflitos de interesses sejam transferidos para o campo econômico, político e marítimo. O Estreito de Ormuz evidencia, assim, que a disputa contemporânea pelo poder não depende exclusivamente da força militar convencional, mas também da capacidade de controlar recursos e espaços fundamentais para o funcionamento do sistema internacional.

ISSN 2317-1316

5. DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Declaração de uso de IA: Durante a elaboração deste trabalho, utilizou-se a ferramenta Claude (Anthropic) como suporte na organização de ideias e apoio para pesquisa de links relacionados ao tema. Após o uso dessa ferramenta, as autoras revisaram e editaram o conteúdo, assumindo plena responsabilidade pelo conteúdo final do trabalho.

6. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA (AIE). *Relatórios sobre segurança energética e mercado mundial de petróleo*. Disponível em: https://www.iea.org/reports/world-energy-outlook-2025. Acesso em: 14 jul. 2026.

AREAL, Pedro. Petroleiros usam rota arriscada para contornar bloqueio em Ormuz. *Metrópoles*, 11 jun. 2026. Disponível em: https://www.metropoles.com/mundo/petroleiros-usam-rota-arriscada-para-contornar-bloqueio-em-ormuz. Acesso em: 14 jul. 2026.

BRAHY, Jerome. Iran seizes Chinese-owned oil tanker Ocean Koi amid Strait of Hormuz shipping crisis. *Army Recognition*, 10 maio 2026. Disponível em: https://www.armyrecognition.com/news/navy-news/2026/iran-seizes-chinese-owned-oil-tanker-ocean-koi-amid-strait-of-hormuz-shipping-crisis. Acesso em: 14 jul. 2026.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. *Plano Decenal de Expansão de Energia*. Brasília, DF: Ministério de Minas e Energia. Disponível em: https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/secretarias/sntep/novo-pde-2034. Acesso em: 14 jul. 2026.

CORTÊS, Pedro. Análise: Brent volta a cobrar o preço da guerra. *CNN Brasil*, 9 jul. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedrocortes/economia/macroeconomia/analise-brent-volta-a-cobrar-o-preco-da-guerra/. Acesso em: 14 jul. 2026.

COPELANDA, Thomas; BROWN, Paul. Irã intensifica sua reivindicação de controle do Estreito de Ormuz. *BBC News*, 2026. Disponível em: https://www.bbc.com/news/articles/cq5py64gvwzo. Acesso em: 14 jul. 2026.

EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA (EPE). *Dados e informações sobre energia no Brasil e no mundo*. Disponível em: https://www.epe.gov.br/pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/plano-decenal-de-expansao-de-energia-pde. Acesso em: 14 jul. 2026.

ISSN 2317-1316

EURONEWS. Iranian navy seizes 'foreign' oil tanker in the Strait of Hormuz. *Euronews*, 26 dez. 2025. Disponível em: https://www.euronews.com/2025/12/26/iranian-navy-seizes-foreign-oil-tanker-in-the-strait-of-hormuz. Acesso em: 14 jul. 2026.

EXAME. Por que seguradoras viraram peça-chave na crise do Estreito de Ormuz. *Exame*, 4 mar. 2026. Disponível em: https://exame.com/invest/mercados/por-que-seguradoras-viraram-peca-chave-na-crise-do-estreito-de-ormuz/. Acesso em: 14 jul. 2026.

KLARE, Michael T. *Guerras por recursos: o futuro das disputas globais*. São Paulo: Record, 2003.

MAHAN, Alfred Thayer. *A influência do poder marítimo na história: 1660-1783*. Tradução disponível em edições brasileiras.

MONGILIO, Heather. Iran Strait of Hormuz tanker seizure violates international law, CENTCOM says. *USNI News*, 17 nov. 2025. Disponível em: https://news.usni.org/2025/11/17/iran-strait-of-hormuz-tanker-seizure-violates-international-law-centcom-says. Acesso em: 14 jul. 2026.

ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO (OPEP). *Relatórios e dados sobre o mercado mundial de petróleo*. Disponível em: https://www.opec.org/assets/assetdb/asb-2025.pdf. Acesso em: 14 jul. 2026.

SAUL, Jonathan; TAN, Florence. Tráfego no Estreito de Ormuz atinge menor nível em dois meses com ataques. *CNN Brasil*, 13 jul. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trafego-no-estreito-de-ormuz-atinge-menor-nivel-em-dois-meses-com-ataques/. Acesso em: 14 jul. 2026.

SHANKAR, Priyanka. How Iran raised Hormuz stakes by capturing ships. *Al Jazeera*, 23 abr. 2026. Disponível em: https://www.aljazeera.com/news/2026/4/23/how-iran-raised-hormuz-stakes-by-capturing-ships. Acesso em: 14 jul. 2026.

WRIGHT, George; CLUN, Rachel. O que é um bloqueio naval e como ele funcionaria no estreito de Ormuz? *BBC News Brasil*, 13 abr. 2026. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gd043g54jo. Acesso em: 14 jul. 2026.

YERGIN, Daniel. *O petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro*. São Paulo: Scritta, 1992.